

REMINISCÊNCIAS DE ARMANDO TONIOLI (*)

Isaac Nicolau Salum

Armando Tonioli, filho de João Tonioli e Inês Brancaglioni Tonioli, irmão de Fausto, Mário, Renato e Ida Tonioli, espôso de Svea Giordano Tonioli, pai de Flávia, Lygia e Luís Armando, colega ou professor, mas sobretudo amigo, de todos nós, nasceu nesta cidade a 14 de fevereiro de 1915. O dia 27 de março passado, uma Sexta-Feira da Paixão, precedido de toda uma semana de especiação e angústia para nossos corações, privou-nos do seu convívio pessoal, tão querido e tão benéfico.

Já lá se vão dois meses e quase meio. Não nos é fácil ainda pensar nêlo e na sua memória, sem que sintamos a presença das lágrimas e de algumas comoções interiores. Mas é certo que, se êle aqui en'rasse, mesmo numa reunião solene como esta, aqui entraria com o respeito e a gravidade que sabia guardar, mas também com aquela sua jovialidade de espírito, que só se ausentava por um pouco nas horas de luta.

A vida é assim: aquêles dois tonéis — o das desgraças e o da felicidade — de que fala Aquiles ao desventurado Príamo, “orfão” do seu filho Heitor, se derramam misturados em nossas vidas. E o célebre texto paulino da *Carta aos Romanos*, que nos intima a solidariedade total com os nossos semelhantes, mistura a dor e a alegria numa recomendação una, mas de estrutura binária:

“Alegrai-vos com os que se alegram
e chorai com os que choram” (*Rom.*, 12 15).

Permiti, pois, meus amigos e amigos do nosso saudoso amigo, que esta evocação o traga aqui como êle era — jovial, alegre, aconchegante. As recordações com as quais nós fazemos o esforço de renovar ou prolongar a sua presença entre nós deformá-lo-iam, se

Êste é o texto de uma fala feita na sessão *in memoriam* do saudoso amigo e colega, realizada às 15 horas de 6/6/1970 pela Associação de Estudos Clássicos. Os pormenores afetivos se explicam pela natureza da reunião e por estarem presentes amigos e familiares do Prof. Tonioli. Aqui se omite o levantamento das notas dos seus cursos médio e superior que visavam a dar, naquele momento solene, a seus filhos, que são, aliás, bons estudantes, uma informação preciosa e afetiva.

não passarem pelo filtro de um sorriso, discreto e resignado, mas de um sorriso de gratidão. Certamente, por muitos a menção do seu nome há de ser ouvida com indiferença. Mas os nossos amigos que o não conhecerem hão de lamentar, como alguns já o fizeram, até por carta, não terem tido o privilégio que nós tivemos. Estas reminiscências são um esforço de invocação da sua presença e vão sendo traçadas sem plano, ao correr da pena, como um *Ensaio* de Montaigne. Montaigne assim fazia para ser “êle mesmo”; nós o fazemos para têmos uma recordação autêntica.

Paulistano, descendente de imigrantes vênnetos — seu pai era vênneto, sua mãe é brasileira, filha de vênnetos — tinha especial prazer em descobrir vênnetos em seus encontros ou viagens, como naquela que êle fêz ao sul do Brasil, e, até, me deu uma vez a pista infalível — o *s* chiante —, pela qual identifiquei dois vênnetos na minha vizinhança. Era um aspecto da sua fidelidade à sua família humilde. Nasceu a 14 de fevereiro, quase onze séculos depois dos *Juramentos de Estrasburgo*, pelos quais, a 14 de fevereiro de 842, dois netos de Carlos Magno — Carlos o Calvo e Luís o Germânico — e seus exércitos, juraram lealdade, os dois, um ao outro, e os exércitos, a ambos e a cada um tudo em nome de Deus e todos êles contra o terceiro irmão também neto de Carlos Magno, Lotário, cujo reino fazia uma cunha entre o de Carlos e o de Luís e depois se estendia para o sul pela Lombardia e Etrúria e pelas três Venécias.

Por que é que eu lembro isto? Porque falar em Venécia é pensar no Tonioli. Porque, se eu mencionava os *Juramentos de Estrasburgo*, indiscretamente falava no aniversário do Tonioli. Indiscrição diminuta, que nunca lhe rendeu presentes, visita ou telegrama, porque naquele tempo 14 de fevereiro ainda era época de férias. E eu lhe dava ciência dessas indiscrições.

Muitos de nos aqui presentes, como êle, pertencemos a modestas famílias, uns de imigrantes, outros de brasileiros. Êle passou a infância numa época em que os estudos secundários e muito menos os superiores não estavam ao alcance dos moços de família modesta. Se não foi o único dos irmãos a fazer o curso secundário, foi o único que pôde fazer estudos superiores. Foi uma oportunidade e uma responsabilidade que êle não recusou. Soube ser, com simplicidade, dedicação e fidelidade, membro da sua família e da família universitária paulista: um pai para sua mãe e para alguns dos seus irmãos, e um professor universitário de alto gabarito.

Nesse ponto, perdoai-me a indiscriçõzinha de lembrar uma palavra, um gemido, que eu ouvi junto do seu corpo já inerte, mais ainda quente. Ao seu irmão mais nôvo, que tinha 7 anos, em 1939, quando faleceu seu pai, costumava referir-se como um “filho” seu.

Na hora em que êle expirou, apontei emocionado êsse irmão a um colega, dizendo: “Acaba de perder o pai” Êle estava longe e não me ouviu. Subi ao quarto, alguns segundos depois, e ouvi estas palavras, gemidas discretamente em solilóquio: “Perdi meu pai!” Era o irmão mais nôvo.

En’retanto, a impressão que tinham todos aquêles cujos contactos com êle se resumiam aos da Faculdade é de que êle parecia viver só para esta, onde atuou com humildade e modéstia, mas com uma presença, dedicação, entusiasmo, eficiência e simpatia tal que a sua partida desarvorou a todos. Ninguém recebeu a dolorosa notícia com indiferença ou resignação apressada. A’ê hoje a sua morte nos parece a todos um absurdo. Na família, no meio dos amigos, na Faculdade, êle faz falta, uma grande falta. Por outro lado, em todos êsses setores, foi um privilégio, um grande privilégio, pelo qual devemos todos dar graças a Deus — o de têmos sido os seus parentes, ou companheiros de trabalho, ou discípulos —, o privilégio de es’armos entre os seus amigos.

Das experiências escolares, sobretudo das do Ginásio do Estado, êle se deleitava em explorar os principais lances anedóticos, de momentos em que êle foi espectador ou vítima. Sua vocação para os estudos manifestou-se já no curso primário, que êle fêz com grande brilhantismo entre 1922 e 1925. Em 1926, aos 11 anos, matriculou-se no Curso de Admissão de Carlos Pasquale, então estudante de Medicina. Êsse encontro iniciou uma grande amizade. O Dr Carlos Pasquale, formado em 1931, exerceu uma grande e positiva influência sôbre o seu espírito.

Fêz o curso ginásial, com uma interrupção, de 1928 a 1934, no Ginásio Es’adual e no Colégio Paulistano. Neste último, êle estudava e trabalhava, desde 1931. A princípio datilógrafo, depois professor de Ciências, depois, já mais tarde, Secretário, e finalmente, Diretor do Curso Noturno, assim como professor de Latim.

Seu mentor e amigo, concunhado desde 1940, o Dr. Carlos Pasquale, vendo a importância assumida pelo Latim com a Reforma Capanema, aconselhou-o a fazer o curso de Letras Clássicas em nossa Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Fazia já 7 anos que êle havia terminado o ginásial. Fêz então nesta Faculdade o Curso de Letras Clássicas, de 1942 a 1945, e o de Especialização em 1946: um curso homogêneo e sério.

Durante alguns anos foi professor de Latim do Colégio Mackenzie e da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Mackenzie, ao mesmo tempo em que já regia como contratado a cadeira de Latim da nossa Faculdade, onde iniciara a sua carreira de Assistente em fevereiro de 1944, como extranu-

merário, passando depois a 1ª assistente. Quando em 1954 voltou para Portugal o Prof. Dr. Urbano Soares Canuto, com quem nesses dez anos êle havia colaborado com dedicação e eficiência, foi êle contratado para reger a Cadeira de Língua e Literatura Latina em janeiro de 1955, cargo em que permaneceu até a extinção da Cátedra, no início de 1970, continuando como regente dos Cursos de Latim até o fim de sua vida.

A 29 de outubro de 1954, defendeu tese de doutoramento em Letras, sobre *Os Adelfos de Terêncio: alguns aspectos literários e lingüísticos*, tendo sido aprovado com a média 9,75. E nos dias 9 e 12 de dezembro de 1963, prestou concurso de Livre Docente na Cadeira de Língua e Literatura Latina. Sua prova escrita versou sobre “A Evolução dos Ditongos Latinos”, a prova didática foi sobre a *Ode XXX* do Livro III de Horácio e a tese sobre “A Composição Latina à Luz da Composição Grega”. A *Ode XXX* do Livro III é aquela em que o Poeta faz um restropecto crítico e prevê a sorte de sua obra:

Exegi monumentum aere perennius

.....

Non omnius moriar multaue pars mei uitabit Libitinam

Tonioli deu uma lição tão lúcida, tão simples, tão como êle costumava dar, interessando até os não-latinistas, que, não havendo catedrático para “vítima” no início do ano letivo de 1964, foi êle honrado pelo Diretor da Faculdade, Prof. Dr. Mário Guimarães Ferri, para pronunciar a aula inaugural. De nôvo, êle, agora escolhendo a *Ode III* do Livro I, em que Horácio desenvolve três temas, num dêles formulando votos de boa viagem marítima a Vergílio, que êle chama *animae meae dimidium*, no outro, mais longo, introduzindo por associação de idéias, o tema do peito indômito dos navegantes antigos, e, no terceiro — prosseguindo a associação —, o da insaciável curiosidade humana, com a mesma clareza, simplicidade e com o mesmo agrado, expôs a Ode e associou o tema final ao episódio camoniano da “Fala do Velho do Restelo”, da nova era, que era a Renascença, assim como à competição astronáutica, que já ia em fogo nesta nova era em que o mundo entrava. Quem ouviu tais aulas poderia ter sentido internamente a exclamação: “Que pena ser eu apenas colega e amigo, e não aluno dêle!”.

O resultado das suas provas do Concurso de Livre-Docência foi êste: obteve com os cinco examinadores as médias 9,4 em títulos, 9,8 na prova escrita, 9,8 na defesa de tese, 10,0 na prova didática; obteve como média de tôdas as provas 9,75 com três dos examinadores, e 9,5 e 10,0 com os outros dois. Foram seus

examinadores nesse concurso os Profs. Dr. Fernando Barata e Ismael Lima Coutinho, do Rio e de Niterói, Dr. Giulio Davide Leoni, Dr. Francisco Silveira Bueno e Dr. Theodoro Henrique Maurer Jr., de São Paulo.

Pertencia a várias sociedades culturais, como a *Sociedade de Estudos Filológicos*, *Association Guillaume Budé*, *Associação de Estudos Clássicos do Brasil*, de que foi fundador e presidente por duas vezes, e era presidente quando faleceu.

Não foi muito o que êle escreveu, atordoado pelos deveres da docência e por incumbências decorrentes desta ou do seu cargo, pelo que não me detenho aqui no exame minucioso do que êle publicou. Mas quem lê os dois artigos de divulgação que êle escreveu acêrca do problema da educação nos *Adelphoe* de Terêncio, que fôra objeto da sua tese, de Doutoramento — “Pais de antigos “play-boys”” (*Estado*, 22/2/59) e “Ainda os play-boys” de Terêncio” (*Ibidem*, 29/3/59) — já pelo título e, depois, pelo texto, de forma leve e graciosa e de conteúdo tão sério e oportuno, há de lamentar que os trabalhos e, agora, a morte nos tenham privado de mais escritos de um homem tão culto e tão modesto, que sabia dar atualidade aos temas da cultura clássica.

O seu senso de equilíbrio e a sua modéstia levavam-no a usar e abusar do modo condicional quando defendia teses ou dava aulas ou escrevia ou arguia as teses dos outros. “Eu diria”, “eu explicaria assim”, eram expressões comuns nos seus lábios. A célebre fórmula que traduzia a bondade, o espírito consuetivo e acoroçador, a ausência de pretensão, com a qual terminava êle as suas arguições de teses está ainda na memória de todos, mas eu relembro-a aqui:

“São estas as observações que eu julguei dever fazer ao seu trabalho, as quais em nada diminuem o seu mérito, antes visam a colaborar para que êle se apresente em forma mais perfeita”

Às vezes, porém, a análise fria dessas observações feitas com tanta graça e despretensão revela que se tratava de problemas de especial seriedade.

Quis o destino, ou a Providência, que eu fôsse entre os seus colegas um dos que mais usufruíram da sua amizade quase fraternal. Nosso primeiro encontro deve ter sido em 1947, quando voltei para a Faculdade como Assistente do Prof. Dr. Theodoro Henrique Maurer Junior, seu grande amigo e, por isso, o catalizador da nossa amizade. Como atrás se disse, êle entrou para o 1º ano da Faculdade em 1942 e eu, sendo da turma de 1939, a ela voltei para fazer o Curso de Didática em 1941, e, depois, o ensino secundário me absorveu completamente até 1946, só ten-

do voltado à Escola da Praça da República para o Concurso de Ingresso de Latim em 1945.

Mas desde 1947, fomos, os dois, membros de bancas de Latim em Concursos de Habilitação, em Exames de Suficiência, em Exames de Tradutor Juramentado e até, em Bancas de Doutora-mento e numa só de Livre-Docência. Até na data dos doutora-mentos nós nos emparelhamos: eu defendi minha tese numa 4.^a feira, e êle a sua na 6.^a feira, seguinte. Quanto à Livre-Docência, êle, acuado, fêz a sua mais cedo; mas, quando eu, acuado, fiz a minha, foi êle o meu examinador e usou a fórmula diplomática atrás citada.

Nestes últimos anos, êle se preocupava com um problema que eu acho de capital importância, e peço licença para com êle terminar estas recordações, porque me parece um testemunho e uma excelente sugestão àqueles que dirigem o Ensino Secundário Paulista e aos que se interessam pelo Ensino Superior de História, Filosofia e, especialmente, Letras, no Estado de São Paulo. Ainda nesse ponto trabalhamos juntos, com unidade de visitas, mas, se eu entrei na roda, foi a convite insistente dêle, e como colaborador.

Há três ou quatro anos, a Sra. Dra. Ester de Figueiredo Ferraz, então do Conselho Estadual de Educação, pediu-lhe que alinhasse alguns argumentos a favor da possível criação de algumas cadeiras de Grego em alguns dos maiores Colégios Estaduais, para melhor exame de processo da Secretaria da Educação, iniciado com um requerimento do nosso colega, Prof. Dr. José Cavalcante de Souza.

Ele pediu-me que, ainda uma vez, examinássemos o problema juntos, porque era questão em que nós ambos nos interessávamos já de longa data. Gastamos algumas tardes alinhando razões, não em favor só do *Grego*, mas do *Latim*, do *Alemão*, do *Italiano*, e do *Espanhol*, no 2º ciclo, e não para todos os Colégios, mas só para alguns daqueles em que o grande número de classes para cada série, somado ao fato de servirem a grandes centros urbanos e culturais, possibilitava oferecerem a uma minoria de estudantes a possibilidade de escolha, por três anos, de línguas clássicas (*Grego* e *Latim*) em lugar de outras matérias e, a outros, de escolherem, igualmente por três anos, *Alemão*, *Italiano* ou *Espanhol*, em vez de outra língua. Ponderava-se que seria para uma minoria da população escolar e para uma elite de colégios e de grandes centros urbanos, sem nenhum ônus especial a mais para os cofres públicos, com possibilidade de melhora do nível de muitos estudantes nos Cursos de Letras, História, Filosofia e Teologia. A sugestão foi defendida por aquela educadora e aprovada pelo Conselho, mas não teve execução.

Em junho de 1969, encarregado de coordenar as atividades da Subcomissão da área de Letras na elaboração dos Programas básicos de Português, Francês, Inglês e Latim do 1.º e 2.º anos colégiais, êle pediu ao Prof. Jayr de Andrade, Presidente da Comissão Especial de Programas do Ciclo Colegial, autorização para solicitar que trabalhássemos juntos. A minha parte foi a de um simples auxiliar; a êle coube a responsabilidade de orientar e decidir. Mas eu creio que a justificativa da posição assumida no cumprimento daquela missão, constante de 10 itens que incluem o essencial das considerações feitas há três anos, merecia ser lida agora como o seu canto-de-cisne no que êle escreveu sôbre assuntos pedagógicos. Aqui está de nôvo retratado o seu senso de moderação e equilíbrio, de um latinista que não é saudosista, mas pensa nas necessidades reais de diversificação, no aprofundamento da cultura de Letras e na preparação dos nossos moços para renovar as pesquisas nesse domínio e nos da História e da Filosofia clássica e medieval. Oxalá êsse canto-de-cisne chegue aos ouvidos das nossas autoridades e ofereça a colaboração que êle pretendia dar de modo tão equilibrado. Eis o que dizem aqueles 10 itens:

- “1 — A civilização ocidental, à qual se filia a brasileira, surgiu da amálgama das três civilizações — hebraica (por via cristã), grega e latina — mas teve por veículo, desde os tempos antigos até o fim da Idade Média, a língua e a literatura latina: literatura latina antiga e medieval eclesiástica e profana. As letras latinas são repositório cultural e artístico — histórico, filosófico, teológico e literário — de todo êsse tesouro.
- “2 — Se à totalidade da população brasileira não interessa refazer, reexaminar e aprofundar o conhecimento dêsse repositório cultural, aos que venham a ser os pesquisadores nesses quatro domínios — histórico, filosófico, teológico e literário — interessa estarem habilitados a fazê-lo.
- “3 — Se se pode alegar que há coleções de traduções de textos clássicos greco-latinos, cabe notar que dos textos documentais e dos medievais, profanos e religiosos, só alguns aparecem traduzidos. É também verdade que o pesquisador nem sempre pode depender da tradução: até esta precisa ser reexaminada e refeita.
- “4 — Para que o curso superior não seja rebaixado ao nível médio, importa que a formação lingüística básica para

os estudos superiores, no campo da cultura e literatura medieval e antiga greco-latina, seja lançada no curso médio (o ginásial, ou antes, o colegial) Esta observação é válida para o Latim, o Grego, e, até, para o Alemão, o Italiano e o Espanhol, no campo da cultura clássica e medieval e no da germânica e neolatina.

- “5 — É evidente que não cabe impor o estudo do Latim (ou do Grego, do Alemão, do Italiano, do Espanhol) a todo estudante do curso colegial. Mas é também evidente que não se deve negar a oportunidade a uma minoria que pretenda preparar-se para a pesquisa no campo das ciências humanas.
- “6 — É também evidente que é ao Estado, por suas mais importantes unidades educativas, que cumpre oferecer condições para essa diferenciação, e, se essa diferenciação se faz por opção dessas matérias com exclusão de outras e nas grandes unidades, isso se pode conseguir sem encargos econômicos a mais.
- “7 — Para que isso se realize, é, porém, necessário que estudos dessas línguas se façam, não numa das séries nem em duas, mas nas três últimas séries do curso médio, e não na base de duas, mas de três aulas semanais. Com essa formação nas três últimas séries do curso médio, a pequena minoria que fôr para os cursos de Letras, Filosofia, História e Teologia levará base para pesquisa pessoal e opção consciente diante de interpretações diversas.
- “8 — Além de tudo isso, para os estudantes de Letras, que serão os futuros professores de línguas, os críticos literários, os tradutores, os orientadores de edições, a formação clássica lingüística e literária, graças à necessidade de reflexão que ela impõe, lhes dará importantes recursos para o aprofundamento exegetico.
- “9 — Os estudos de Latim foram vítimas da generosidade da Reforma Capanema, que os impôs, já naquela época absurdamente, a *tôdas* as séries do curso ginásial, e na base de duas aulas semanais. Agora, seria prudente *facultá-los* — e não *impô-los* — a *três séries do fim do curso médio* — e não a *tôdas*, e a partir da 1ª série — apenas em algumas unidades do Estado — talvez, inicialmente, não mais de dez criteriosamente distribuídas.
- “10 — Essas reflexões reivindicam, moderada e equilibradamente, o direito de um lugar, mas um lugar decente onde

êle fôr concedido, para a formação clássica duma pequeníssima minoria da multidão já atual da população escolar do Estado (reivindicação válida para os grandes centros do Brasil) E, dentro dessa linha, seria realmente solução, porque os estudos latinos dessa minoria seriam eficazes”

Ele era um excelente conversador. Gostava de conversar e sabia também escutar. Até as suas anedotas vinham com a graça e o sal ático, mas vinham com uma graça dupla: a apresentação era graciosa e o conteúdo engraçado. E, quando êle as repetia, vinham sempre em “edição revista e corrigida”, às vêzes “com alguns acrescentos”, como dizem os portugueses. Isso em anedota não era desonestidade, porque não se feriam susceptibilidades autorais, e a revisão não deformava, antes aperfeiçoava a verdade e a graça.

Sabia incluir-se nos seus temas de conversação sem ferir a discrição, referindo-se à sua magreza, ao seu nariz, à sua inapetência e, mesmo quando se sentia bem, aproximava-se com aquêlo gesto tão tipicamente seu, de pernas meio abertas, um pouco encurvado para a frente, com os braços descidos, meio projetados para diante, meio arqueados, formando com as ilhargas dois claros laterais, e aparentando cansaço. Podia-se esperar um anedota.

Foi assim que êle se aproximou de nós naquela última sexta-feira que precedeu à da Paixão. Parecia triste, mas a tristeza às vêzes vinha como elemento preparatório nas anedotas. Mas êle vinha pedindo um favor, dizendo que estava sentindo-se mal. Os sintomas eram de enfarte, até para um leigo.

Descansou um pouco e depois voltamos para a sua casa. Houve um momento em que êle até sentiu que poderia guiar o carro. Acabou, porém, deixando que eu o levasse. Ainda conversou, ainda sorriu, embora se visse que sofria. Em casa, como o médico demorasse uns momentos, sua espôsa lhe disse que êste já vinha vindo. e êle, sem impaciência, mas sofrendo, disse: “Enquanto êle vem vindo, eu me vou” Ao médico, que estranhou fizesse já tempo que não se submetia a exames, tendo tido uma isquemia há dez anos, êle, com um sorriso manso, retrucou: “É que eu sou um pouco teimoso” Sentiu-se mal naquela manhã antes de sair de casa. Mas, como dissera ao médico, “êle era um pouco teimoso”. Amava a Faculdade, amava o trabalho. No calor das discussões em 1968, à observação de alguém, que havia dito — “a Faculdade é nossa” — não retrucou êle: “É mais nossa do que vossa: vocês passam por aqui quatro anos; nós ficamos aqui, nós aqui vivemos e aqui morremos?!” Pois veio naquela sexta-feira para despedir-se.

É só até aí que vai o meu depoimento. Foi êsse o amigo que nós perdemos. Mas, viremos a página, mudemos o tom e digamos com júbilo meio contido, ou incontido, inspirado pelo sentimento de gratidão: “Era êsse e era assim o homem que nos foi dado ter como amigo”